

Criatividade e processos de criação

OSTROWER, Fayga. *Petrópolis*: Editora Vozes, 6. ed. 1997. 200 p.

*Maria Carolina Duprat Ruggeri**

A partir da ótica de uma artista plástica, Fayga Ostrower se dirige a todos, por considerar a criatividade inerente ao Homem, inerente à vida: mais que uma visão artística é uma visão política, histórica e filosófica.

A natureza criativa é elaborada dentro de um contexto cultural e age de acordo com as potencialidades individuais que, realizadas, configuram as particularidades de uma época.

Ela fala em processos de criação, no plural, pois essa idéia abrange os pontos essenciais da manifestação da criatividade.

Fayga vê a criação como uma possibilidade de evitar a alienação do Homem contemporâneo.

“Criar é basicamente formar”. Esta é a idéia que permeia seu pensamento. Toda criação é algo ordenado e configurado e corresponde a uma estrutura formal. “A atividade criativa consiste em transpor certas possibilidades latentes para o real” e é movida pela intenção de um ser, que Fayga apresenta como “Ser consciente-sensível-cultural”, com os elementos interligados por hifens, para acentuar a idéia do todo. É na integração desses três aspectos que se baseiam os comportamentos criativos do Homem.

Enquanto muitos teóricos enfatizam o poder do inconsciente, como fator imprescindível na criação, e vêem no consciente um fator negativo e repressor, Fayga tem como premissa da criação a percepção consciente.

O inconsciente é parte fundamental do processo criativo, mas é necessário aliar o que se sabe, o que se conhece, o que se pensa e o que se imagina. “O consciente racional nunca se desliga das atividades criadoras; constitui um fator fundamental de elaboração. Retirar o consciente da criação seria mesmo inadmissível, seria retirar uma das dimensões humanas”.

* Professora Adjunta da Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). caruduprat@uol.com.br

Obs.: O referido livro está indo para a segunda edição.

As barreiras entre o consciente e o inconsciente são continuamente transpostas entre as emoções, sensações e pensamentos e, nesse limiar, atua a intuição.

A intuição, como ação de uma determinada personalidade, que permite lidar com situações novas e inesperadas, de maneira espontânea e interligada à percepção, reformula os dados do mundo externo e interno. “Ambas, intuição e percepção, são modos de conhecimento, vias de buscar certas ordenações e certos significados”.

Os processos intuitivos estão interligados ao ser sensível. Parte dessa sensibilidade está conectada ao inconsciente e corresponde às nossas reações involuntárias e parte está vinculada ao consciente, podendo ser articulada e ordenada. É a nossa percepção: “a elaboração mental das nossas sensações”.

A percepção, sendo uma forma de conhecimento, apreende o mundo externo a partir de um referencial interno; ao apreender, ela interpreta. “Tudo se passa ao mesmo tempo. Assim, no que se percebe, se interpreta; no que se apreende, se compreende. (...) Ganhamos um conhecimento ativo e de auto-cognição”.

Ela fala da afinidade entre os processos intuitivos e perceptivos, pois na intuição atuam os processos ordenadores da percepção. Processos espontâneos, que envolvem a memória, a seleção, a relação e a integração dos dados do mundo externo e interno, com o objetivo de transformá-los para alcançar um sentido mais completo.

Muitas vezes, essa ordenação aparece de maneira mágica, inesperada, porém pressentida: é o *insight*, o momento da visão intuitiva, da iluminação. Um dos processos mais complexos do ser humano, pois não se pode explicar racionalmente. Mas sabe-se que é uma ação integradora, que envolve todos os aspectos: afetivos, intelectuais, emocionais, conscientes e inconscientes.

O ser consciente-sensível, ao conscientizar-se de sua existência individual, conscientiza-se de sua existência social. Ao perceber-se e interrogar-se, ele interroga o mundo externo.

O aspecto individual está interligado ao aspecto coletivo, atuando um sobre o outro, mas sempre levando em conta, que “todo perceber e fazer do indivíduo refletirá seu ordenar íntimo”, sua maneira singular de ver e sentir o mundo. Daí advém a originalidade da criação: o que quer que se faça, será sempre algo que não existia antes, nem existirá depois, será sempre decorrente da existência de uma determinada pessoa, em um determinado tempo e espaço.

Este ser criador, consciente e sensível é, antes de tudo, um ser cultural.

Fayga define cultura como “as formas materiais e espirituais com que os indivíduos de um grupo convivem, nas quais atuam e se comunicam e cuja experiência coletiva pode ser transmitida através de vias simbólicas para a geração seguinte”.

Por mais particular que seja a atitude, existem aspectos que estão além do âmbito pessoal: valores, crenças, paradigmas, preconceitos e percepções, que podem

e devem ser revistos e questionados. Mesmo que a atitude seja de contestação, ela se dará a partir do que está estabelecido. Ao agir, o homem interage com o mundo e pode, eventualmente, reformular a visão de mundo de sua época e criar novos rumos para a sociedade.

O processo de criação está sempre vinculado a um fazer concreto, envolve a ação, transformação e configuração de uma determinada matéria. Inicia-se uma busca formal.

A imaginação formal pensa em termos dos elementos que estruturam a linguagem visual: o movimento das linhas, as grandezas das formas, as densidades dos volumes, as gradações de luz e as relações entre as cores.

“As formas se caracterizam por sua natureza sensorial e estão sempre vinculadas ao seu caráter material.

Fayga adota o termo “materialidade”, ao invés de matéria, por ser mais abrangente, referindo-se às diversas matérias que são utilizadas nos diversos campos de trabalho, sejam eles artísticos, científicos, tecnológicos ou artesanais. Materialidade é “tudo que está sendo formado e transformado pelo homem”.

“Cada materialidade abrange, de início, certas possibilidades de ação e outras tantas impossibilidades. Se as vemos como limitadoras para o curso criador, devem ser reconhecidas também como orientadoras, pois, dentro das delimitações, através delas, é que surgem sugestões para se prosseguir um trabalho e mesmo para ampliá-lo em direções novas. De fato, só na medida em que o homem admita e respeite os determinantes da matéria com que lida como essência de um ser, poderá o seu espírito criar asas e levantar vôo, indagar o desconhecido”.

A imaginação criativa está sempre vinculada a uma matéria, é um pensar específico sobre um fazer concreto. “A imaginação necessita identificar-se com uma materialidade. Criará em afinidade e empatia com ela, na linguagem específica de cada fazer”. Desvinculada do concreto, diz respeito somente ao sujeito que imagina, não terá ressonância e nem finalidade.

“Formar importa em transformar”. A matéria, ao ser configurada, será impregnada de um conteúdo expressivo, passará a ser uma forma simbólica, significativa, e tornará possível a comunicação.

Assim como o homem, a matéria é histórica, está vinculada a um contexto, que tem suas normas e determinados meios disponíveis.

Fayga desenvolve sua teoria amparada pela sua vivência artística e por referências históricas dos diversos campos do conhecimento, o que torna possível dar forma às suas idéias.